

# “NERVOSA, FRACA E PROPENSA A AFECÇÕES CEREBRAIS”<sup>1</sup>: O QUE PENSAVAM OS HOMENS SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA – UMA CONVERSA COM OS CLÁSSICOS

Josineide Siqueira de Santana\*

**Resumo:** Educar mulheres passou a constar na pauta de alguns pensadores. Muito se pensou sobre a melhor forma de educá-las e como seria esse processo. Durante algum tempo, pensadores e educadores se dedicaram a formular teorias sobre o ser feminino. As preocupações em torno de sua saúde também foram tratadas, tendo em vista que o cuidado com a perpetuação da espécie e com o homem novo que seria de sua responsabilidade. O presente artigo busca apresentar o que alguns pensadores dos séculos XV a XVIII aspiravam e escreveram acerca da educação das mulheres.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Feminina. Pensadores.

**Abstract:** Educating women came to be on the agenda of some thinkers. Much thought about the best way to educate them and how would this process. For some time, thinkers

---

<sup>1</sup> Trecho retirado da declaração de Goodhart, em 1834, sobre a instrução feminina e a dedicação da mulher ao magistério. Maiores informações: PINA, Luís de. “Plano para Educação de uma Menina Portuguesa no século XVIII” (no II Centenário da publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto, vol. I, 1968, p. 27.

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Educação (2011), Licenciada em História (2000) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo de Pesquisas História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas (GEPHED/UFS). Professora da Rede Pública do Estado de Sergipe. josi-siqueira2010@hotmail.com

and educators dedicated to formulate theories about being female. The surrounding his health concerns have also been addressed, with a view to the care of the perpetuation of the species and the new man would be your responsibility. This article seeks to present what some thinkers of centuries XV to XVIII aspired and wrote about women's education.

**Keywords:** Education. Feminine Education. Thinkers.

Educar e instruir mulheres se mostrou, ao longo do tempo, um terreno espinhoso, tanto que não foram poucas as leis que dispunham sobre seu acesso ou não a lugares de difusão do saber. Ensiná-las se configurava em perigo permanente, pois para alguns, bastava-lhes conhecer uns poucos rudimentos de escrita e as quatro operações matemáticas. Mas, essa não foi apenas uma questão do século XIX. Pelo contrário, educar ou não mulheres transcorre à discussão de outras épocas. Por isso, torna-se importante chamar a atenção ao fato de que a educação para as mulheres era pensada por homens. A eles cabiam decidir sobre o que ensinar, como e onde, uma vez que era para elas saírem de casa só em três ocasiões: a baptizar, a casar e a enterrar! (PINA, 1968, p. 24). Lembramos ainda que a preocupação em educar a mulher, perpassava questões médicas e higiênicas para, sobretudo, garantir a perpetuação da espécie.

Por esse motivo, faremos aqui uma pequena reflexão acerca do que os homens pensavam sobre o ato de educá-las. Desse modo, passaremos a palavra para alguns pensadores que emitiram em seus clássicos, opiniões, teorias e caminhos sobre esse assunto.

### **1. Pensando a Educação Feminina entre os séculos XV a XVIII**

Para tratamos de questões relacionadas à educação, faz-se necessário percebermos um pouco do momento histórico vivenciado no período. Assim, veremos que entre os

séculos XV e XVI o mundo vivenciava as descobertas e conquistas. Nesse mesmo período, toma corpo as ideias do Renascimento. Aliado a isso, a Europa é tomada pela Peste Negra, períodos de fome, e da chamada guerra dos Cem Anos. Durante o século XV Portugal foi uma potência mundial, econômica, social e cultural, constituindo-se no primeiro e mais duradouro império colonial de amplitude global.

O século XVII marcou a passagem da hegemonia dos reinos ibéricos para duas novas potências: Inglaterra e Holanda. Enquanto Portugal e Espanha viveram acentuados declínio, os ingleses e os flamengos fortaleceram suas economias e lançaram as bases de seus impérios coloniais, ancorando-se como competências nos princípios mercantilistas.

Na França, o Iluminismo – instrumento teórico de que se valeu a burguesia para questionar o poder dos reis absolutistas – contou com três grandes pensadores: Voltaire, Montesquieu e Rousseau. Os dois primeiros propunham transformações moderadas, enquanto o último sugeria transformações radicais.

No campo da economia, duas principais correntes desenvolveram-se no período: a fisiocracia, cujos princípios estiveram em voga no final do século XVIII; e o liberalismo, que logo passou a ser visto universalmente como “verdade” econômica. Por sua vez, o liberalismo econômico – cartilha do capitalismo liberal – fundava-se nas ideias do britânico Adam Smith, considerado o pai da economia como ciência. Este afirmava ser, o trabalho, a única fonte de riqueza.

Por último, o despotismo esclarecido consistiu no assessoramento de diversos reis absolutistas europeus, por seus ministros “esclarecidos”, possibilitando a realização de reformas de cunho iluminista, de forma a atenuar as tensões entre monarcas e burguesia. As reformas enfatizaram o aspecto econômico, mas também estimularam a cultura, as

artes e a filosofia.

Num mundo com tantas transformações, o modo de ver a educação, principalmente a feminina, torna-se importante. Por esse motivo apresentaremos alguns pensadores e seus diálogos sobre a educação dispensada às mulheres.

Entre os séculos XV e XVI o pensador holandês Erasmo de Roterdã, em sua obra *De Pueris*, aconselha os homens sobre como escolher uma boa esposa, pois dela dependerá sua prole.

Importa que o homem saiba escolher uma esposa honesta, nascida de gente educada em princípios sólidos, em gozo de saúde íntegra. Dada a afinidade muito estreita entre corpo e alma, vai acontecer que uma dessas partes ou ajuda ou prejudica a outra (ROTTERDAM, s/d, p. 48).

Percebemos nas palavras de Roterdã uma preocupação com a índole da mulher escolhida, sua educação, e principalmente com sua saúde. Por isso, o mesmo também orienta acerca da amamentação dos filhos e insiste no fato de que muitos vícios podem ser transmitidos através do aleitamento. Assim, a mãe amamentará:

[...] o seu filho com seu próprio seio. Caso seja necessário, e oxalá ocorra raramente, que então selecione uma nutriz sadia de corpo, com leite puro, de costumes ilibados e que não seja dada a bebidas [...] os vícios quer do corpo, quer da alma, adquiridos no nascedouro da vida, perduram pelos anos afora. Eis porque dizem ser importante selecionar, a dedo, os companheiros de leite e brincadeiras (ROTTERDAM, s/d, p. 49).

Assim, podemos perceber que a pedagogia erasmiana, embora preocupada com a educação feminina manifesta também, certa atenção com a saúde da mesma tendo em vista que esta seria uma das responsáveis pela educação pueril.

No século XVII, precisamente em 1657, Comenius

publica sua Didática Magna na qual, entre seus objetivos encontramos o desejo de “buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais” (COMENIUS, 2002, p. 12), além de propor um ambiente pedagógico de luz, paz e tranquilidade. Esse pensador também trata da educação feminina; propõe, inclusive, que elas tenham o mesmo direito à educação que os homens. Para sua afirmativa cita que a muitas são confiados cuidados em governar nações. Sendo essa a vontade de Deus, não caberia a nenhum ser vivente pensar o contrário. Assim, descreve:

Também as mulheres assim como os homens são imagens de Deus, participam da graça divina e do reino do século futuro; também são dotadas de inteligência aguçada e aptas ao saber. (frequentemente mais que o nosso sexo) também para elas, como para os homens, estão abertas as portas de postos elevados, porque muitas vezes foram destinadas por Deus ao governo dos povos, a aconselhar sabiamente reis e príncipes [...] (COMENIUS, 2002, p. 91).

Embora, se mostrasse um defensor da educação feminina, Comenius termina sua defesa lembrando o real papel da mulher: “Quanto mais ocupada estiver a mente menor será o espaço destinado a imprudência” (COMENIUS, 2002, p. 91), ou seja, educar como uma forma de escolher o que pode ou não ser informado ou apreendido por ela. Seu papel no lar também é lembrado:

[...] Não defendemos a instrução das mulheres para induzi-las à curiosidade, mas à honestidade e à bem-aventurança. Sobretudo, em relação às coisas que lhes convêm saber e obrar para administrar bem a casa e para promover seu próprio bem, o do marido, o dos filhos e de toda a família (COMENIUS, 2002, p. 91).

Percebemos, com essas citações, que Comenius defende a educação da mulher, porém, aponta em qual ambiente será desenvolvida essa mesma educação. Ou seja, existirão os territórios de atuação. É certo que algumas são escolhidas por Deus, porém, esse não seria o corriqueiro, e sim, o extraordinário. Para as demais, o conhecimento era permitido, mas com local exato para ser empregado: no seio familiar.

A preocupação com os rumos do ser feminino é expressa em outros pensadores que demonstram um determinado cuidado, desde que seu papel esteja bem marcado. Assim, partiremos para o pensamento de Jean-Jacques Rousseau. Em sua obra, *Emílio*, o referido autor trata sobre as questões femininas, inclusive enfatizando como deveria ser, ou pelo menos quais seriam as características para uma boa esposa. Desse modo, expõe que:

Quando a mulher se queixa a respeito da justa desigualdade que o homem impõe não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão; cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro (ROUSSEAU, 2004, p. 419).

Para ele, a própria natureza se encarregava de estabelecer os papéis entre homens e mulheres. Porém, os possíveis deslizamentos cometidos por elas trariam sérias consequências para sua família.

Mas a mulher infiel vai além, ela dissolve a família e vai além da natureza, dando ao homem filhos que não são deles, trai a um e a outros, junta a perfídia com a infidelidade [...] infeliz do pai que, sem confiança na mulher, não ousa entregar-se aos mais doces sentimentos de seu coração, ao beijar o filho, se não beija o de outrem, a prova de sua desonra, o ladrão do bem dos seus próprios filhos (ROUSSEAU, 2004, p. 419).

Ao contrário, sobre o homem e seu papel, informa que não existe nada mais injusto que um homem infiel, embora faça a seguinte ponderação: “e todo homem infiel que prive a mulher da única recompensa aos austeros deveres de seu sexo é um homem injusto e bárbaro” (ROUSSEAU, 2004, p. 419). Assim, percebemos no referido autor uma preocupação exacerbada com a conduta feminina, ao passo que apresenta certa benevolência com o masculino.

Ao propor que Emílio encontrasse uma companheira, o autor sugere:

Mulher é feita para agradar o homem [...] Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos seus encantos; é por eles que ela deve constrangê-lo [...] (ROUSSEAU, 2004, p. 415).

Uma mulher que fosse agradável e subjugada, esse era o desejo do autor para o seu Emílio: encontrar uma esposa cheia de virtudes e que fizesse jus a toda educação recebida por ele.

Ainda sobre a instrução de mulheres, Condorcet fala da necessidade de que elas tenham direito a se instruírem, desde que para profissões as quais elas possam exercer.

Se há alguma profissão que seja reservada exclusivamente aos homens, as mulheres não seriam admitidas à instrução particular exigida por essa mesma por ter por finalidade profissão. No entanto, seria absurdo excluí-la daquela instrução que tem por finalidade as profissões que elas devem exercer (CONDORCET, 1943, p. 57).

Isto é, elas poderiam estudar sim, desde que soubessem onde atuar. Desse modo, percebemos que o autor incentiva a educação feminina, porém cerceia seu direito de escolha. Aliás, poderia sim ser instruída, mas com o objetivo de ensinar aos filhos:

Os trabalhos dos homens, que, quase sempre, se ocupam fora de casa, não lhes permitiriam consagrar-se a essa tarefa. Seria, pois, impossível na instrução a igualdade necessária à manutenção dos direitos dos homens [...] se não fazendo as mulheres percorrerem pelo menos os primeiros graus da instrução comum, não as colocássemos em condições de cuidarem da instrução de seus filhos (CONDORCET, 1943, p. 59).

Assim, temos a figura da mulher como responsável pela manutenção da família e da educação dos filhos; nem tudo convém que ela saiba, mas o necessário para educar a sua descendência. Lembramos que a educação para ambos os sexos era algo proposto, mas encontramos falas que mostram qual o lugar a ser ocupado por elas, questionando, inclusive, sua capacidade: “[...] as mulheres, cuja vida não pode ser preenchida pelo exercício de uma profissão lucrativa por causa das obrigações domésticas, não poderiam trabalhar para o crescimento das luzes” (CONDORCET, 1943, p. 58). Desse modo, encontramos a mulher como o pilar educacional na vida dos filhos e como base principal da família; mesmo assim, conta com um lugar demarcado, de onde não deverá sair.

Já o pensador Pestalozzi ao tratar da mulher, informa que seu papel é educar a prole.

[...] Entre las muchas actividades que te circundan, ¿cual es la vocación que te parece ser la más sagrada, la más digna, la más santa? Sin duda es la vocación – habrás respondido ya – de la persona cuya vida esta consagrada al progreso espiritual de la naturaleza humana. Cuán feliz debe ser aquel que tiene como profesión el llevar a los demás a la felicidad, a la dicha perpetua. Pues bien, madre afortunada: su profesión es la tuya (PESTALOZZI, 2006, p. 08).

Na citação acima o autor coloca que a vocação natural da mulher seria o cuidado maternal. Seu papel no mundo consistia, principalmente, em “se consagrar ao progresso espiritual da natureza humana”. E, durante sua escrita, em



tom bem epistolar, elege a mulher como a escolhida pelo criador para o desempenho dessa nobre tarefa.

Aquel que há encomendado una misión tan excelsa; procura mostrarte digna de la confianza que se há puesto en ti. No digas que te faltan conocimientos, pues el amor los suplirá, ni que tus médios son harto limitados, ya que la providencia los acrescencerá; no pienses em la debilidad de tu fuerza de vonluntad, pues lo Espírito de fortaleza mismo la robusterá. Eleva tu mirada hacia este espírito para todo cuanto te falte, y en especial para aquellas das excelsas cosas que son las más importantes: el valor y la humildad (PESTALOZZI, 2006, p. 08).

Muito se tratou sobre a figura feminina, e principalmente sobre as implicações de sua instrução, ou seja, quais os benefícios que isso traria, a quem interessaria que ela fosse ou não instruída. O importante é percebemos que na maioria das falas a mulher é vista como indivíduo que precisa ser educado, desde que não deseje seguir carreiras exercidas por homens; não poderia ser educada por questões fisiológicas, por uma constituição corporal frágil, mas para educar e cuidar dos filhos; enfim, poucas foram as sugestões para que tivessem as mesmas chances de educação e instrução.

## **2. Com a palavra os Patrícios**

Em 1963, Luís de Pina, em conferência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresentou sua homenagem ao aniversário do Método para aprender e estudar Medicina, Ilustrado com apontamentos para estabelecerse huma univereí Real naqual devim aprender-se as Sciencias Humanas de que necessita o Estado Civil e Político, de autoria do médico português António Nunes Ribeiro Sanches e publicado em 1763. Na ocasião o autor fez uma análise no chamado Plano para Educação de uma Menina Portuguesa no século XVIII e, no decorrer de sua

explanação, Luís de Pina apresenta o panorama, as obras e as circunstâncias que envolviam a educação feminina, desde o século XVIII até meados do século XIX.

Ao traçar um cenário da educação feminina em Portugal oitocentista, Pina cita defensores e críticos da instrução feminina e, ao longo de sua escrita nos mostra, o que, segundo ele, seriam as dificuldades para que a mulher pudesse se fazer ativa na sociedade da época.

Entre os nomes contrários à instrução feminina encontramos o do médico Dr. Manuel Ferreira Corrêa Lopes Barrigas, um árduo defensor de que à mulher caberiam outros trabalhos, mas nada que viesse a fatigá-la.

Em sua tese, defendida em 1888 cujo título Um Capítulo de Hygiene Social – A Instrução Superior da Mulher, Manuel Barrigas se mostra contrário à instrução superior feminina, e entre seus argumentos está a condenação de “igualdade de instrução para os dois sexos”, obviamente por considerar a mulher um ser tênue. Assim, vejamos um de seus argumentos:

Se a mulher, em geral, dotada de menores aptidões para os estudos superiores, tivesse n'estes, simplesmente insucessos a registrar, desilusões a conhecer, ainda o mal não seria dos que naturalmente lhe compete, e os prejuízos, quando muito, ficariam reduzidos á perda d'algum tempo; infelizmente, inconvenientes d'outra ordem vêem agravar a situação, a saúde quasi sempre é profundamente abalada, e muitas soffrem durante toda a sua vida as consequências funestas do erro em que cahiram (BARRIGAS,1888, p. 39-40).

Seria melhor que as mulheres dedicassem seu tempo em atividades próprias do seu sexo. Pois, muita dedicação a tarefas consideradas exaustivas só poderia prejudicar uma constituição tão frágil. Isso sem levar em consideração a sensibilidade própria do ser feminino e o quanto sua essência seria prejudicada, se, por acaso, a mulher resolvesse

desempenhar um papel que não lhe coubesse. Para ele, qualquer outra atividade que fugisse ao “aceitável ao sexo feminino” poderia acarretar-lhe problemas, tanto físicos quanto psíquicos.

A mulher é ainda, subordinando-se ao papel preponderante na espécie, rica em qualidades affectivas em sensibilidade e dotes do coração; mas não deixa de ser inferior em attributos adquiridos, em poder de racionalisação e em tenacidade intellectual. Em virtude d'essa mobilidade nutritiva e funcional que lhe é propria, possui uma inconstância nervosa, um erectismo orgânico facilmente desequilibravel. Poderemos portanto, dadas todas estas condições tão differentes nos dois sexos, suppôr que ambos possam seguir a mesma senda e vencer os mesmos obstáculos? Poderá a mulher, sujeita já ao encargo incomparavelmente mais oneroso do seu sexo, sobrecarregar-se ainda com o trabalho que o homem é hoje obrigado a sustentar na lucta social ? Parece-me que não é preciso ser mais que medianamente sensato para responder negativamente (BARRIGAS,1888, p. 37).

Assim, não seria interessante que a mulher se enveredasse por caminhos que ocasionassem doenças ou desconfortos.

Um terço pelo menos das mulheres são hystericas; se é verdade que o abuso do exercício intellectual é um dos primeiros factores do estado conhecido em pathologia pela designação de Nevrophia geral, ponto de partida das mais graves affecções nervosas; se accrescentarmos a predisposição do sexo feminino para a chlorose e anemia; as perturbações nervosas e digestivas que vulgarmente acompanham o trabalho physiologico da menstruação, prenhez, lactação, etc., que occupam quasi toda a vida e de cuja irregularidade provêm os mais graves prejuízos (BARRIGAS,1888, p. 40).

Luís António Verney, assim como seu contemporâneo Ribeiro Sanches, também se expressou sobre a educação feminina, tanto que em sua 16ª Carta escreveu um apêndice

dedicado a elas, onde expressa sua preocupação, nas seguintes palavras:

Isso é o que me ocorre em breve, e tenho lido em alguns autores. Certamente que a educação das mulheres neste Reino é péssima; os homens quase as consideram como animais de outra espécie: e não só pouco aptas, mas incapazes de qualquer gênero de estudo e erudição. Mas, se os pais e as mães considerassem bem a matéria, veriam que têm gravíssimos prejuízos à República, tanto nas coisas públicas, como domésticas (VERNEY, 2002, p. 38).

Embora Verney tenha sido um “iluminado”, essa obra específica sobre a educação feminina foi, segundo (RIBEIRO, 2002), ignorada e pouco estudada. No século XVIII, o ensino feminino português ainda não se encontrava oficializado, e os textos que versavam sobre o assunto foram escritos por homens ilustres. A obra de Verney não surtiu o efeito desejado para o período, ao contrário, “os autores que fazem referência ao Verdadeiro Método de Estudar tratam dos vários ramos do conhecimento abordados por Verney, estabelecendo um silêncio absoluto relativo ao Apêndice sobre o estudo das mulheres” (RIBEIRO, 2002, p. 40).

Quanto a Ribeiro Sanches, este tratou da educação feminina para as mulheres da nobreza portuguesa; para as demais restava apenas o silêncio. Para ele, a nobreza deveria educar suas filhas para serem mulheres honradas e fieis seguidoras da Igreja Católica Apostólica Romana. Em seus conselhos e admoestações, assim recomendava:

Será impossível introduzir-se a boa educação na Fidalguia Portuguesa em quanto não houver hum Collegio, ou Recolhimento, quero diser huma Escola com clauzura para se educarem ali as meninas Fidalgas desde a mais tenra idade; porque por ultimo as Maens, e o sexo femenino são os primeyros Mestres do nosso; todas as primeyras ideas que temos, provem da criação que temos das mays, amas, e ayas; e se estas forem bem educadas nos conhecimentos da verdadeyra

Religião, da vida civil, e das nossas obrigações, reduzindo todo o ensino destas meninas Fidalgas á Geographia, á Historia sagrada e profana, e ao trabalho de mãos senhoril, que se emprega no risco, bordar, pintar, e estofar, não perderião tanto tempo em ler novellas amorozas, versos, que nem todos são sagrados: e em outros passatempos, onde o animo não só se dissipa, mas ás vezes se corrompe; mas o peyor desta vida assi empregada he que se communica aos filhos, aos irmaões, e aos maridos (SANCHES, 1992, p. 192).

Bem, podemos perceber que Ribeiro Sanches informa sua preocupação com a educação feminina, porém, destaca o cuidado a ser dispensado na criação dos filhos, com o marido e com o lar. Até admite uma educação feminina, porém voltada ao ensino da Geografia, História Sagrada, além dos aprendizados com bordados e costuras. Desse modo, pensava a educação para as filhas da nobreza totalmente voltada para educar os filhos da pátria e cuidar decentemente dos maridos.

Pensar dessa maneira não foi privilégio apenas dos autores citados, pois além de Ribeiro Sanches e Luís António Verney, outros pensadores apresentaram suas considerações sobre a melhor forma de educar mulheres, ou pelo menos sobre a melhor forma de conduzi-las. Assim, veremos o que conjecturavam alguns pensadores acerca de como educar mulheres.

### **Considerações**

A educação feminina, ao longo do tempo, foi pensada e discutida por alguns educadores e pensadores que apresentaram suas teorias acerca da educação a ser dada às mulheres ou sobre como elas deveriam aprender para melhor ensinar às crianças. O interessante é que essa mesma educação não foi pensada por mulheres, e sim por homens, e as poucas vozes femininas que se manifestavam também colocavam a mulher no ambiente do lar. Obviamente,

devemos levar em consideração o momento histórico vivido por esses homens. Porém, é certo que os que se manifestaram sobre esse assunto delimitaram bem os espaços onde as mulheres podem atuar.

Muito do que foi tratado sobre a educação feminina dizia respeito, principalmente a saúde da mulher: aprender para melhor se cuidar e poder cuidar dos outros, uma vez que a ela seria permitido desenvolver qualquer atividade, desde que fosse “cuidar de alguém”.

Outro ponto a ser percebido quanto à educação feminina, é que a mesma seria sim, ministrada às meninas da nobreza, que aprenderiam apenas aquilo que fosse permitido. Por outro lado, àquelas que vinham das classes menos abastadas, o acesso à educação seria algo árduo. Independente da situação social, para as mulheres era pensada uma educação do “lar e para o lar”. Assim, mesmo preparada em nível educacional, seria pouco provável que ela conseguisse galgar outros caminhos se não “o da casa”.

Desse modo, embora alguns pensadores tenham tratado da educação da mulher ou, pelo menos, de que maneira e para que seria ela educada, o seu lugar já estava determinado, ou seja, saber sim, para melhor orientar seus filhos e sua casa.

### **Referência Bibliográfica**

BARRIGAS, Manuel Ferreira Corrêa Lopes. **Um Capítulo de Higiene Social** – A Instrução Superior da Mulher. Porto, Tipografia Ocidental, 1888. (Dissertação Inaugural) p. 40 [www.repositorio-aberto-usp.pt](http://www.repositorio-aberto-usp.pt) . Acesso em 20 de dezembro de 2014.

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONDORCET, C. **Instrução Pública e organização do ensino**. Porto: Livraria Educação Nacional, 1943.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Cartas sobre la Educación Infantil**. Madri: Tecnos, 2006.

PINA, Luís de. **“Plano para Educação de uma Menina Portuguesa no século XVIII”** (no II Centenário da publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto, vol. I, 1968, p. 9-50.

ROTTERDAM, Erasmo de. **De Pueris** (Dos Meninos). A Civilidade Pueril. São Paulo: Editora Escala, sd.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANCHES, A. N. Ribeiro. **Cartas sobre a Educação da Mocidade**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1992. p. 192. Disponível em <http://www.gutenberg.org/FILES/23919/23919-h/23919-h.htm>. Acesso em 18 de dezembro de 2014.

Recebido: 25/03/2016

Avaliado: 30/05/2016

